



Geraldo Souza Dias

a desobediência civil

o direito de resistência e a desobediência civil

Resistência e desobediência civil são temas intrinsecamente ligados. O direito de resistência, do qual a desobediência civil é parte, é legítimo a todo cidadão que, em nome da coletividade, se recusa a obedecer a normas que considera injustas.

Por participar de uma reunião de estudantes durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), Geraldo Souza Dias ficou detido durante um dia neste edifício que, de 1940 a 1983, foi sede do Departamento Estadual de Ordem Política e Social – a polícia política do Brasil republicano – que atuou nos períodos democráticos e com exacerbada violência nos de exceção.

Souza Dias não sofreu tortura física naquela oportunidade, mas aquele trauma permanece em sua memória e em sua produção, como no constante vai e vem de *seesaw* (*gangorra*), uma das obras apresentadas nesta exposição. A cada movimento, as palavras *see* (vejo) e *saw* (visto) são entrevistas em paralelo, testemunhando a relação dialógica que se estabelece entre os tempos do presente e do passado.

Nestes controversos tempos atuais, em que mesmo estando em estado democrático o direito à resistência tem sido sistematicamente negado aos cidadãos por meio de extremada violência, escolher a mostra *a desobediência civil* para inaugurar esta nova ala de exposições temporárias do Memorial da Resistência de São Paulo reveste-se de grande importância prática e simbólica. Com esta mostra (de 1º de abril a 25 de setembro de 2017) pretendemos que o visitante seja estimulado a refletir sobre o papel da desobediência civil como um ato de cidadania para o aprimoramento do estado democrático de direito.

Tadeu Chiarelli

Diretor Geral

Associação Pinacoteca Arte e Cultura

Kátia Felipini

Coordenadora

Memorial da Resistência de São Paulo

a desobediência civil

Se um homem é livre de pensamento, livre para fantasiar, livre de imaginação, de modo que aquilo que nunca é lhe parece ser na maior parte do tempo, governantes ou reformadores insensatos não são capazes de lhe criar impedimentos fatais.

Henry David Thoreau
(*1817 e †1862 Concord, Mass. EUA)

O ensaio *civil disobedience*, do abolicionista, opositor à guerra contra o México, pioneiro no engajamento pela preservação da natureza e defensor da primazia das populações indígenas nas disputas territoriais, é o mote desta exposição.

ziviler Ungehorsam (desobediência civil em alemão) – título de um dos trabalhos – remete à interpretação do conceito no século XX por Hannah Arendt como ato configurado pela história tanto na esfera íntima do sujeito como deflagrado por sua ação no espaço social, consolidando o entendimento de um **direito essencial** à configuração da liberdade plena: **a pluralidade**, não apenas como *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* de toda vida política, opondo-se à individualidade da vida privada.

Arendt notabiliza-se com o relato sobre o julgamento de Eichman em Israel, descrevendo-o não como um monstro desumano, mas como um funcionário medíocre e eficiente, ainda que aético, e **obediente** acima de tudo.

A noção de desobediência civil, entretanto, em função da identificação da justiça com a lei, pelo *locus* jurídico, ofusca sua compreensão e dificulta a normatização deste direito, ao lado daqueles vinculados à liberdade, à propriedade e à segurança, ainda que continue viva no pensamento e nas ações de outros líderes pacifistas como Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.

Ao trazer esta discussão para o domínio da arte, especificamente à prática de pintura, espaço por excelência da individualidade e da liberdade poética, tenta-se tensionar o conceito e contribuir à reflexão cultural.

A carga política no discurso das exposições do Memorial da Resistência remete à própria instituição, que opera a possibilidade de institucionalização da memória social voltada aos atos de inconformismo perante situações político-sociais de constrangimento excepcional às liberdades e aos direitos humanos na história republicana brasileira. Mas pode ser sugerida por trabalhos que, à margem dos jogos de mercado, servem-se de um vocabulário inerente à prática pictórica, sem negligenciar dispositivos simbólicos que reforçam tal caráter. Enquanto obra artística, mantém significado aberto, e propõe pontes com o entendimento do



primavera paulistana, 2016,
óleo e colagem sobre tela,
200 x 158 cm

público pelo viés temático e simbólico. A prática da pintura, tantas vezes declarada morta, também pode ser pensada como um tipo de resistência cultural, inferida na persistência de uma linguagem tradicional, ainda que violada pela colagem e pela fragmentação espacial iniciada no cubismo, e que pode gerar interesse, mesmo num universo predominantemente marcado pelo elevado número e, ao mesmo tempo, pela efemeridade de imagens produzidas por dispositivos técnicos mais avançados que pincel e tintas.

Na mostra, *ziviler Ungehorsam* é constituído de 51 pinturas em técnica mista sobre madeira dispostas numa sequência que remete ao jogo de dominós e permite uma leitura espaciotemporal, como no cinema, nas histórias em quadrinhos ou nos frisos que emolduram cenas sacras nas pinturas da Europa no medieval tardio e no renascimento.

A parede oposta apresenta série de 23 pinturas em tela num conjunto intitulado *arte & resistência*.

ziviler Ungehorsam, 2014, mista sobre madeira,
aprox. 150 x 1600 cm



arte & resistência, 2016, óleo e colagem sobre madeira, 30 x 140 cm (detalhe: **fichados**)



Na sala menor, sob baixa luminosidade, apresentam-se alguns trabalhos da extensa série de *tondos* iniciada em meados de 2014, denominada **Zen hostel Brasil**, que experimenta com o formato circular e sua simbologia – em diâmetros que vão dos 100 aos 125cm.

Além das pinturas, a sala exibe também, em *looping*, vídeo homônimo de 4min56s.

As demais paredes apresentam pinturas a óleo e colagem em telas maiores, com o predomínio daquelas dispostas horizontalmente, possibilitando a continuidade de leitura narrativa, sequencial: trabalhos em diversos formatos e dimensões fazem referência à quebra de um paradigma e “desobedecem” à normatização do espaço.



Kulturkaufhaus, 2016, óleo e colagem sobre tela, 120 cm

Geraldo Souza Dias



ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E
CULTURA - APAC
Organização Social da Cultura

Diretor Geral
Tadeu Chiarelli

Diretor Administrativo e Financeiro
Marcelo Costa Dantas

Diretor de Relações Institucionais
Paulo Romani Vicelli

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA
DE SÃO PAULO

Coordenadora
Kátia Felipini Neves

**Coordenadora do Programa de Ação
Educativa**
Aureli Alves de Alcantara

Educadores
Alessandra Santiago da Silva
Ana Carolina Ramella Rey Ammon
Daniel Augusto Bertho Gonzales
Larissa Yuri Oyadomari
Marcus Vinícius Freitas Alves

Programa de Pesquisa
Camila Alvarez Djurovic
Julia Cerqueira Gumieri
Luíza Giandalia Ramos

EXPOSIÇÃO
(1º de abril a 25 de setembro de 2017)

Artista curador
Geraldo Souza Dias

Coordenação Museológica
Kátia Felipini Neves

Ação Educativa
Equipe do Programa de Ação Educativa

Apoio
Área de Infraestrutura
Área de Projetos Culturais
Núcleo de Acervo Museológico
Núcleo de Pesquisa e Curadoria

Versão inglês
Geraldo Souza Dias

Vídeo (pós-produção)
Hugo Fortes

Fotografia
Arnaldo Pappalardo

Comunicação Visual e Projeto Gráfico
Zol Design

Memorial da Resistência de São Paulo
Largo General Osório, 66 – Luz
CEP 01213-010 – São Paulo – SP
Tel: 55 11 3335 4990
Memorialdaresistencia.org.br
[Twitter.com/M_ResistenciaSP](https://twitter.com/M_ResistenciaSP)
[Fb.com/memorialdaresistencia.org.br](https://fb.com/memorialdaresistencia.org.br)